

Há evolução em Malangatana

por Paulo Soares

Um artista pode rever o histórico da sua obra, resumindo-se, para prosseguir a sua «tradição» artística, ou, pode revoltar-se contra as convenções existentes, mesmo que ele tenha participado na sua criação e desenvolvimento, e partir à procura de uma nova convenção de valores mais de acordo com a evolução da própria realidade e consciência contemporânea.

Isto acontece amiúde, quando as crises de criatividade percorrem os artistas, obrigando-os a repensar-se, repensando o conjunto da natureza, ambiente social e sua corporização simbólica. Porque os símbolos dos artistas como Malangatana articulam-se no pensamento de forma tão complexa como os símbolos algebricos da ciência e tecnologia moderna, estão sujeitos às crises que advêm do próprio aumento do conhecimento e evolução da realidade. E exprimem a sensibilidade do artista a essas mudanças.

É na forma como exprime essas mudanças que pode haver originalidade. E, felizmente, Malangatana ultrapassou já várias crises de criatividade e conhece os perigos que podem tornar a sensibilidade forçada, repetitiva, não criativa e substituída na manutenção de equilíbrio com os conhecimentos de ordem intelectual ou emocional que percorrem os homens do seu tempo.

Porque é isto que se exige a um artista: — Ser capaz de percorrer o seu tempo, traçar o génio dos homens da sua época, com a capacidade de a cada passo renovar a sua sensibilidade em relação ao ambiente.

Malangatana, criador de uma nova síntese da sensibilidade humana, do seu povo colonizado e com história de escravidão secular, mas também tradições que se perdem na noite dos tempos, representou, desde o início, uma evolução na arte da humanidade. Ficou a dever isso às condições sociais criadas pelo seu povo e seu envolvimento no processo de libertação nacional que conduziu à independência de Moçambique.

Mas a ele cabe a originalidade de canalizar a sua sensibilidade não esfiziada pelas

tras forças que procuram um sistema mais de acordo com o novo momento que foi aberto com a independência de Moçambique.

A exposição retrospectiva de Malangatana não proporcionou uma saída fácil para a sua obra. Como artista moderno, Malangatana reivindica a construção de novas realidades, que é próprio constrói com o simbólico fantástico da sua arte. E a arte evolui, e a sensibilidade renova-se...

A escultura em ferro, à entrada da exposição, constitui uma obra de grande importância. A evolução da arte de Malangatana não se trata de uma ruptura com o passado, mas de uma evolução que se faz através da criação de novas formas e de uma linguagem própria. A escultura em ferro, à entrada da exposição, constitui uma obra de grande importância. A evolução da arte de Malangatana não se trata de uma ruptura com o passado, mas de uma evolução que se faz através da criação de novas formas e de uma linguagem própria.

A qualidade do artista não se encontra na sua obra, mas na sua vida. A qualidade do artista não se encontra na sua obra, mas na sua vida. A qualidade do artista não se encontra na sua obra, mas na sua vida.

Desde o início da sua trajectória artística, Malangatana não se tem subtraído às várias correntes teológicas, mitológicas e filosóficas dominantes na sociedade em cada

momento. Foi contra as normas do gosto e da moda determinada pela assimilação colonial. Impôs-se e tornou-se moda entre os próprios que o queriam assimilar.

Não somos originais em considerá-lo, também, o Caliban desta Tempestade que percorre Moçambique, o escravo que aprendeu a língua do estrangeiro príncipe que o subjugava, para lhe impôr, com a gramática aprendida e de forma crua, os seus monstros, prazeres e a sua própria libertação.

Mas é neste momento que

liberdade e ruptura... a evolução da arte de Malangatana não se trata de uma ruptura com o passado, mas de uma evolução que se faz através da criação de novas formas e de uma linguagem própria. A escultura em ferro, à entrada da exposição, constitui uma obra de grande importância. A evolução da arte de Malangatana não se trata de uma ruptura com o passado, mas de uma evolução que se faz através da criação de novas formas e de uma linguagem própria.

e forças imponderáveis marcam-lhe o ponto de ruptura e de evolução na arte, que, como que um descontínuo, assinalam a sua criação original do ponto de vista estrutural e conceptual, se não temático.

A escultura que existe à entrada e saída da exposição,

no Museu Nacional de Arte, se comparada com os primeiros trabalhos colectivos que Malangatana ajudou a conceber na Praça dos Heróis, ou a mais recente que ergueu, como que um totem, na Fabrimetal, em Maputo, constitui algo de novo e inédito, e talvez por isso, tenha intrigado tanta gente quanto ao seu significado.

Porquê o ferro, se Malangatana é um pintor? Precisamente porque a pintura é uma das formas dele libertar a sua sensibilidade, como o são a poesia, o canto, a mímica e, por que não, a escultura em metal?

Porque, como muito bem diz o artista, até ao momento foi assistindo aos aviões levando os seus desenhos, telas e gravuras para todo o Mundo. É tempo de trabalhar para que a sua obra permaneça mais segura em Moçambique, nos seus Museus, Jardins públicos e reservas naturais, para benefício do seu povo e gerações futuras.

Se há tensão, há evolução em Malangatana. Evolução que é simultaneamente um corte na sua linha de continuidade e uma nova síntese de tudo o que fez, viu e o que há-de mais aprender. Porque para um artista, como ser criador de novas realidades, estas já existem antes mesmo de lhe dar forma.

E novas formas, conceitos e tensões mostram que algo de novo ressurge em Malangatana, que novos equilíbrios se procuram, que um novo sistema de convenções e valores estão na bigorna que já pertence aos antepassados. Quem não exulta ao acompanhar esta evolução na Arte?

